

UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA LEITURA

Helen de Castro SILVA*

INTRODUÇÃO

Recentemente, em dois artigos publicados na revista *Cult* (1997 e 1998) o professor João Alexandre Barbosa mencionou um tema que tem merecido gradativamente a atenção de pesquisadores no Brasil: a história da leitura. Em ambos os textos o professor sublinha a relevância de se empreender estudos no sentido de compreender o leitor de uma determinada época e suas escolhas. No segundo texto, em particular, João Alexandre relembra a experiência do professor Antonio Candido ao analisar a biblioteca do pai, que atualmente está abrigada na Seção de Coleções Especiais da Unicamp, e considera as conseqüências deste tipo de estudo. É neste universo que se situa a pesquisa que ora estamos desenvolvendo como parte dos requisitos para o doutorado e que servirá de base para esta reflexão.

A leitura, após sucessivas fases da história da literatura nas quais houve a predominância de estudos que privilegiaram o autor e o texto, passou também a despertar o interesse de pesquisadores e tornou-se um elemento essencial para a crítica. Neste momento, há uma tentativa de encontrar o equilíbrio entre o formalismo e a historiografia do século XIX, com ênfase na crítica do discurso da documentação que retém a história e da própria história. São representantes desta tendência, por exemplo, Robert Darnton e Roger Chartier.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara - SP. Professora assistente do curso de Biblioteconomia da UNESP, Câmpus de Marília.

Esta reflexão sobre a própria história é fruto de um novo paradigma, a chamada ‘Nova História’. Este conceito originou-se da *École des Annales* e, conforme Peter Burke (1992), opõe-se deliberadamente ao paradigma tradicional em vários aspectos. Não está centrada na política; ao contrário, “tudo tem uma história” (J. B. Haldane *apud* Burke, 1992, p. 11) – inclusive a leitura. Está centrada na análise das estruturas econômicas, sociais e geo-históricas de longo prazo, e não na narrativa dos acontecimentos. Há uma preocupação com o homem comum, com a cultura popular, em detrimento das grandes obras, ou personalidades de posição social mais elevada; utiliza vários tipos de fontes, que não só a documental e, principalmente, defende que a história é relativa e não objetiva, como tradicionalmente era considerada.

Robert Darnton, que é professor de História da Universidade de Princeton, tem se dedicado ao estudo da leitura em épocas passadas sob esta perspectiva. Para ele, estudar a história da leitura é buscar conhecer as convicções, costumes e idéias dos homens de um determinado tempo. Darnton afirma que a leitura tem uma história. Ela não se limita apenas à extração da informação de um texto. Depende de contextos culturais que variam bastante conforme a época. Desta forma, o autor considera o estudo da história da leitura bastante complexo. A verificação de suas características através dos tempos é difícil de ser efetuada, pois requer o estudo da relação entre o leitor e o texto. Não é detectada com facilidade, como ocorre, por exemplo, com as mudanças de uma ordem social ou de uma constituição.

Em um artigo publicado em 1986 e reproduzido num capítulo do livro *A escrita da História*, Darnton traça todo um panorama dos estudos já realizados sobre a história da leitura em alguns países da Europa e dos Estados Unidos até o início deste século. Demonstra que a maior parte dos historiadores, encarando a leitura como um fenômeno social, foi capaz de investigar as suas bases institucionais respondendo a questões como: ‘quem’, ‘o que’, ‘onde’ e ‘quando’, relativamente ao ato da leitura. Tais estudos podem ser desenvolvidos segundo um caráter micro ou macroanalítico e têm como fonte dados estatísticos ou documentais. Porém, as questões ‘por que’ e ‘como’ ainda permanecem sem respostas.

Entre pesquisas que perseguem estas respostas, Darnton aponta aquelas que se ocupam dos “ideais e as suposições subjacentes à leitura” (1992, p. 218), ou, como diz Chartier, as “normas e convenções de leitura” (1997, p. 15). Neste sentido, já temos traduzida no Brasil uma obra fundamental: *Discursos sobre a leitura*, de Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard. Outras vertentes tratam do ensino da leitura, do significado da

leitura para aqueles que liam, ou, ainda, do livro como objeto de leitura e da reação do leitor ante a literatura. Esta última tem como base a estética da recepção, encabeçada por H. R. Jauss e W. Iser. Darnton indica também aquelas pesquisas que ressaltam a interrelação entre teoria literária e história dos livros (da literatura) e sugere que as pesquisas que seguem esta abordagem façam uma combinação entre ‘análise textual’ e ‘pesquisa empírica’, a fim de que se possa “desenvolver tanto uma história, quanto uma teoria da reação do leitor” (p. 229).

Após uma revisão dos estudos realizados sobre história da leitura, Darnton sugere cinco abordagens através das quais considera “ser possível desenvolver um modo de estudar as mudanças na leitura no interior da nossa própria cultura” (p. 218). São elas:

- 1 “Estudo dos ideais e das suposições subjacentes à leitura no passado” (p. 218 – 219), que consiste no estudo de várias fontes e suportes (pinturas, gravuras diários, autobiografias, etc.) para verificar a opinião das pessoas a respeito dos efeitos da leitura sobre si mesmos e sobre os demais, em relação ao aspecto físico, moral, religioso.
- 2 “Estudo das maneiras de como a leitura era ensinada” (p. 221).
- 3 Estudo sobre o significado da leitura para aqueles que liam e deixavam algum registro.
- 4 Teoria literária: críticos literários X historiadores – pesquisa empírica realizada através de estudo sobre como os autores envolviam ou tinham a expectativa de que os leitores reagissem ante seus textos. Paralelamente o estudo dos leitores reais, a comparação entre estes dois aspectos pode proporcionar o desenvolvimento da história de uma teoria da reação do leitor.
- 5 Bibliografia analítica – estudo do livro como objeto físico. Verificação do *layout* e das características físicas do livro. Verificação sobre como as características físicas do livro podem influenciar a leitura.

Outro autor que se refere ao tema é Chartier (1997). Na obra *A ordem dos livros*, o autor dedicou um capítulo à análise das possibilidades de pesquisar a “história da leitura”. O autor, apoiando-se em Certeau (*apud* Chartier, 1997), ressalta que aqueles que querem se aventurar no estudo da história da leitura devem “reconstruir as alterações que diferenciam os ‘espaços legíveis’ – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que dirigem as circunstâncias da sua realização – isto é, as leituras, entendidas como práticas concretas e como processos de interpretação”

(p. 12-13). O historiador, portanto, deve trabalhar no estudo da relação entre o texto, o livro e a leitura e nas variações dessa relação.

UM PANORAMA DA HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL

Apesar de não ser uma área nova, pois alguns estudos datam do final do século XIX, há ainda muito o que se investigar, principalmente em países como o Brasil, que não têm tradição em estudos nesta área. No Brasil, a história da leitura ainda está em consolidação, haja visto a realização do I Congresso da Leitura e do Livro no Brasil, em outubro deste ano.

Entre os poucos que se aventuraram no estudo da história da leitura no Brasil está Wilson Martins (1996). Sua obra *A palavra escrita* é uma referência para aqueles que desejam conhecer mais sobre a história da imprensa, do livro e das bibliotecas entre nós. O autor inicia seu estudo com a história do surgimento da tipografia, da imprensa e das bibliotecas no Brasil. É uma obra abrangente, porém, pouco aprofundada no tratamento dos aspectos abordados.

Um dos primeiros trabalhos relacionados ao estudo da leitura brasileira é o de Rubens Borba de Moraes, que publicou, em 1979, *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Visto que se tratava praticamente da primeira obra sobre o tema, o autor dedicou-se ao estabelecimento de fatos a respeito da história do livro e da biblioteca no Brasil no período colonial. Levantou o surgimento das bibliotecas institucionais, no caso, as das ordens religiosas que se estabeleceram no país neste período, principalmente a dos jesuítas. As opções culturais oferecidas aos leitores, a influência da censura na formação destas bibliotecas e no comércio livreiro, a introdução da tipografia nos diversos pontos do território nacional e a sua produção também foram objetos de estudo do autor.

No início de seu livro, Moraes (1979) ressalta a dificuldade que representa a falta de resultados de pesquisas sobre a história dos livros, das bibliotecas e da imprensa no Brasil. Para a elaboração de seu trabalho, o autor utilizou-se de uma documentação dispersa em obras publicadas sobre o período colonial e de documentos inéditos de bibliotecas e arquivos brasileiros e portugueses, além de notas tomadas em várias instituições européias e americanas. Por fim, o autor esclarece que sua intenção, ao realizar este trabalho, é dar subsídios para pesquisas posteriores e chamar a atenção de outros pesquisadores para um “campo tão pouco explorado, menosprezado

até pelos historiadores, embora essencial para o conhecimento de nossa evolução cultural” (n. p.).

Outro trabalho importante, embora trate de um período mais recente, é a dissertação de mestrado de Sonia de Conti Gomes, que posteriormente foi transformada em livro e publicada com o título *Bibliotecas brasileiras instaladas durante o período da Primeira República*. A autora enfatizou suas dificuldades em obter informações completas, devido à “falta de tradição de guarda e preservação sistemática de documentos” (p. 47) e à não consistência dos dados de fontes oficiais, como guias e relatórios estatísticos, dentre outros. Esta autora, além de apresentar dados sobre a instalação das bibliotecas na Primeira República, deteve-se no estudo dos fatores sócio-culturais que influenciaram sua criação e desenvolvimento.

Uma outra contribuição bastante significativa para o estudo da história da leitura no Brasil é a obra intitulada *O Livro no Brasil*, que é fruto de uma tese de doutorado. Seu autor, Laurence Hallewell (1985), é um bibliotecário inglês que se dedicou ao estudo da produção literária latino-americana desde o início de sua carreira. Ele analisa os fatores que influenciaram a instalação das primeiras tipografias e a evolução para as grandes editoras, compara o desenvolvimento editorial com o crescimento da população brasileira, índice de alfabetizados e poder aquisitivo da população, além de fatos políticos e econômicos que se refletiram no desenvolvimento da atividade editorial no país em diferentes períodos. A importação de livros e o tipo de publicação – como, por exemplo, os livros didáticos, de ciência e tecnologia, infantis e traduções – também foram objeto de estudo de Hallewell. A evolução da infra-estrutura da indústria brasileira para a produção editorial e a distribuição de livros no país não foram esquecidas.

Outro trabalho relevante é o artigo de Ana Luiza Martins (1989), que desenvolveu um estudo sobre como era realizada a leitura às vésperas da proclamação da República. Ou ainda, o livro de Maria Luiza T. Carneiro (1997), que investigou, através dos arquivos do Deops, os livros proibidos pela censura e o trabalho da polícia de recolher os livros censurados e punir seus proprietários.

Numa série de depoimentos sobre a história de leituras particulares, José Mindlin elaborou um cuidadoso e belo livro sobre suas memórias de grande apreciador e colecionador de livros.

Atualmente, um grupo de pesquisadores da Unicamp, liderado pela professora Marisa Lajolo, tem desenvolvido o projeto Memória da Leitura¹. Este projeto abrange pesquisas relacionadas a vários daqueles aspectos levantados por Darnton, porém com um enfoque sobre o papel da escola como propagadora potencial da leitura no Brasil.

Há ainda uma recente safra brasileira de obras tratando desse tema. Dentre os últimos lançamentos encontramos a nova versão de *A palavra escrita*, de Wilson Martins (1996); *A formação da leitura no Brasil*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996); *Formação do leitor brasileiro*, de José Horta Nunes (1994), e *Leituras no Brasil*, de Márcia Abreu (1995).

Internacionalmente, verificamos lançamentos recentes sobre este tema: *Práticas da leitura*, organizado por Roger Chartier (1996), e *Uma história da leitura*, de Alberto Manguel (1997), já traduzidos. Na França foram lançados dois livros sobre o tema: *Passiones impunes*, de George Steiner, e *Histoire de la lecture dans le monde occidental*, organizado por Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1997).

A maior parte das pesquisas brasileiras sobre história da leitura tem privilegiado as capitais e grandes centros. A história da economia e da cultura no interior, mesmo de Estados mais desenvolvidos, como é o caso do Estado de São Paulo, têm sido relegadas a segundo plano. Fonte econômica principalmente nos períodos de cultivo da terra, o interior guarda documentos sobre o desenvolvimento sócio-cultural do país, mas esse material nem sempre é conservado em boas condições.

Um dos maiores problemas que emperram a realização de pesquisa histórica é a falta de tradição no país no que se refere à salvaguarda e preservação de seu patrimônio histórico. Grande parte da documentação histórica brasileira encontra-se dispersa e fora do alcance de pesquisadores e da população em geral. Este quadro é agravado ainda mais pelo fato de que algumas das instituições brasileiras públicas e privadas, que abrigam bens culturais, não dispõem de profissionais especializados e equipamentos adequados para a preservação dessa memória. Frequentemente podemos ouvir relatos de pesquisadores quanto às dificuldades encontradas para desenvolver suas pesquisas com documentação histórica, dada a inexistência de centros organizados e dotados de ferramentas para recuperação de seu conteúdo.

¹ Os resultados parciais já podem ser consultados na *home page* do projeto, ou ainda em um número especial da revista *Horizontes*, 1998.

Nos últimos anos, porém, temos verificado uma tendência no sentido de reverter essa situação. Não raro tomamos conhecimento de agências de financiamento nacionais e internacionais, como, por exemplo, Fapesp, Unesco e Vitae, que têm investido em projetos específicos para preservação da memória; mas estas iniciativas estão ainda muito aquém da demanda. Profissionais de várias áreas também têm despertado para a necessidade de mudar este quadro. Há ainda muito a ser feito, e com urgência, uma vez que estes acervos correm sérios riscos de desaparecerem completamente.

A CIDADE DE SÃO CARLOS : A ATENAS PAULISTA.

O estudo de caso que nosso trabalho encerra tem como universo a cidade de São Carlos. Essa cidade originou-se de aglomerações de lavradores, de pequenos criadores de gado fixados nas terras da região na passagem do século XVIII para o século XIX. Por volta de 1830, iniciam-se as primeiras lavouras de cultivo do café. O sucesso destas lavouras impulsionou o progresso sócio-econômico e cultural da região. São Carlos, por exemplo, é uma das primeiras cidades brasileiras a instalar a linha ferroviária. Outras grandes inovações tecnológicas do início do século foram rapidamente incorporadas pela comunidade local. A esfera cultural também floresceu nesse período através da música, da dança e das atividades organizadas pela sua Escola Normal Secundária; os dados referentes a este campo estão registrados num livro recentemente publicado por pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos.

No seu auge a cidade chegou a ser chamada de “Atenas Paulista” (Neves, 1984). Sua vocação vanguardista deu frutos e atualmente a cidade é chamada de “Capital da Alta Tecnologia”. Possui duas universidades públicas consideradas entre as melhores do país (totalizando mais de dez mil alunos de graduação e pós-graduação), além de duas faculdades particulares e diversos estabelecimentos de ensino. Na área cultural, possui várias bibliotecas; dentre as quais a Biblioteca Comunitária da UFSCar, uma das mais modernas do país na categoria, havendo ainda museus, arquivos históricos, teatros e cinemas.

O novo convive, por sorte, com os vestígios de épocas passadas. As sedes de suas fazendas, colégios e prédios tombados pelo CONDEPHAAT são monumentos que atestam uma intensa atividade cultural que, certamente contribuiu para concretização de seu estágio atual de desenvolvimento.

O estudo de seu progresso tem sido direcionado com muita propriedade à área educacional, urbanização e economia. No entanto, as pesquisas relacionadas ao desenvolvimento cultural, e particularmente os referentes à leitura, ainda carecem de investigações. As poucas publicações sobre a história da cidade (Neves, 1984, entre outros) nem sequer mencionam a fundação da Biblioteca Pública Municipal, de suas demais bibliotecas ou fontes de leitura. Estas obras limitam-se a constatar o surgimento da imprensa local, ou da região, como é o caso da obra *Cem anos de silêncio*, que retrata a história de um jornalista que atuou, no início do século, na cidade de Araraquara-SP, a quarenta quilômetros de São Carlos. Estes dados, sem dúvida, são importantes para se conhecer a história da memória local, porém há vários outros aspectos que podem e devem ser levantados.

A partir de 1995, pudemos verificar, através do contato com a comunidade são-carlense, que há fontes de extrema relevância a respeito de sua história ainda ignoradas por pesquisadores e pela maioria da população.

Um exemplo deste tipo de coleção é o acervo de Antonio Carlos de Arruda Botelho, Conde do Pinhal. Figura de destaque na política regional, o Conde do Pinhal e seus descendentes contribuíram de forma definitiva para o progresso do interior do Estado de São Paulo, por exemplo, trazendo a estrada de ferro de Rio Claro até a cidade de São Carlos.

A biblioteca particular, conservada com zelo, revela os traços das leituras que fomentaram o espírito progressista que predominou na família de Antonio Carlos de Arruda Botelho, que viveu no período entre o final do século XIX e início do século XX. A coleção, estimada em 3.000 volumes, abriga uma documentação variada, incluindo livros, periódicos, fotografias, títulos atribuídos a Antonio Carlos A. Botelho, entre outros, além de peças museológicas e arquitetônicas referentes ao final do século XIX. Uma bibliotecária especialista em coleções especiais da Biblioteca Nacional avaliou a coleção como tendo grande potencial para pesquisa e reconheceu a importância de sua salvaguarda tanto para a preservação da memória local como pelas obras preciosas que abriga.

No momento, estamos terminando o inventário dos documentos bibliográficos (livros e revistas) e iniciando a elaboração de uma base de dados com os registros do acervo. Na seqüência será realizada uma análise detalhada e individual de cada item, nos seus aspectos físicos e temáticos, procurando identificar: traços de leituras realizadas, tais como anotações dos leitores, origem, proprietário; tipo do documento e perfil do acervo. Outras fontes, como, por exemplo, cartas, depoimentos orais dos descendentes e

fotografias, serão utilizadas a fim de que sejam verificados aspectos sócio-econômicos e culturais do período em que este acervo foi constituído.

As primeiras análises deste inventário revelaram a existência de documentos antigos e precisos como, por exemplo, a coleção completa da revista *Moderna*, que foi editada simultaneamente em mais de um país, entre os quais estava incluído o Brasil, tendo como um de seus editores um dos filhos do Conde do Pinhal. Tal revista abordava temas variados e completou 100 anos da edição de seu primeiro número no ano de 1997. Nota-se ainda a divisão da biblioteca pelo gênero de seus leitores: seção das mulheres e seção dos homens. Toda esta documentação foi adquirida através das relações pessoais da família com intelectuais da época e em inúmeras viagens. Há, porém, ainda muito a ser apurado.

Simultaneamente a este projeto de pesquisa está sendo realizado um trabalho de extensão, do qual participam alunos voluntários do curso de Ciência da Informação e docentes da UFSCar e da Unesp. Este trabalho possibilitou a higienização do acervo, bem como o diagnóstico do estado físico das obras ali abrigadas, além de contribuir para a formação de profissionais qualificados para lidarem com coleções especiais. Está prevista também a elaboração de instrumentos que permitam a salvaguarda dos documentos, bem como a ampliação de seu acesso ao público, o que depende da captação de recursos financeiros.

Já foram identificadas outras bibliotecas particulares e institucionais na cidade, referentes ao mesmo período, que, se possível, serão também incluídas na pesquisa.

Os grandes obstáculos à execução deste trabalho são ainda a referida falta de outras pesquisas brasileiras sobre o mesmo tema que pudessem balizar a sua realização. Isto, por outro lado, constitui um desafio, pois será necessário elaborar uma metodologia adequada ao desenvolvimento de estudos deste tipo. A falta de interlocutores que estejam próximos ao tema da pesquisa é problema adicional para a sua realização.

Outra dificuldade que temos enfrentado é a já mencionada falta de apoio financeiro para o projeto, o que pode inviabilizar a realização de um trabalho simultâneo de salvaguarda e preparação de instrumentos para a divulgação deste acervo junto a outros pesquisadores e à população local. Uma vez que estamos manipulando o material e que contamos com uma pequena equipe, seria preferível que nós mesmos desenvolvêssemos este trabalho, evitando, assim, uma outra intervenção na documentação e abreviando seu período de deterioração. Além disso, outros documentos que

não farão parte da pesquisa, mas são também importantes para a história local, poderiam ser salvaguardados.

Por fim, esperamos que o nosso olhar sobre a história da leitura da cidade de São Carlos possa contribuir para incentivar a realização de outras pesquisas sobre o tema na região, bem como para o desenvolvimento de metodologias para investigação da história da leitura brasileira. Esperamos ainda levantar subsídios para o entendimento do desenvolvimento sócio-econômico da região, uma vez que, conforme Darnton, “O estudo da leitura pode revelar como o homem compreende a vida. ... Estudá-la pode satisfazer parte de nossa própria ânsia de significado” (1992, p. 234).

Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia (Org.) *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- BARBOSA, João Alexandre. Kafka, Cassandra Rios e Pitigrilli. *Cult.* n. 9, p. 14-16, 1997.
- BARBOSA, João Alexandre. Uma biblioteca pessoal. *Cult.* n. 12, p. 61-63, 1998.
- BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CARNEIRO, Maria L. T. *Livros proibidos, idéias malditas*, o Deops e as minorias silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade / Arquivo do Estado/SEC, 1997. 102p.
- CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger (Org.) *Historie de la lecture dans le monde occidental*. Paris: Seuil, 1997.
- CHARTIER, Anne-Marie, HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura – 1880-1980*. São Paulo: Ática, 1995. 590p.
- CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 268p.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Lisboa: Vega, 1997.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 199-236.
- GOMES, Sonia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na primeira república*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: A. T. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.
- NEVES, Ary Pinto das. *São Carlos: na estrada do tempo*. São Carlos: s. n., 1984. (Álbum comemorativo do centenário da ferrovia 1884 - 1984).
- NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

Bibliografia consultada

- CERTEU, Michel de. Le lecture absolue. In: DÄLLENBACH, Lucien, RICHARDOU, Jean (Org.) *Problèmes actuels de la lecture*. Paris: Éditions Clarcier - Guénaud, 1983.
- SCHNEIDER, Michel. O homem que lê. *Folha da Tarde* (São Paulo). 13 set. 1997. p. 7.
- ZILBERMAN, Regina. A leitura no Brasil, sua história e suas instituições. [On line]. Disponível: [Http://www.unicamp.br/regina.html](http://www.unicamp.br/regina.html)